

PRÉDIO DA ANTIGA COLETORIA

No início do século XX, o Governo do Estado construiu prédios escolares que seguiam um padrão arquitetônico pré-estabelecido. Foram então construídos três edifícios, que possuíam o mesmo projeto. O que foi edificado em Tibagi, abriga hoje a Biblioteca Municipal. O de Ipiranga, protegido como bem tombado estadual é um centro cultural. No de Palmeira, inaugurado no início de 1907, foi instalado inicialmente, o Grupo Escolar Conselheiro Jesuíno Marcondes, que depois serviu de sede para o Fórum e a Coletoria Estadual.

Sua arquitetura é eclética, expressando no vocabulário ornamental, a linguagem geralmente empregada em edifícios públicos. ✿



DATA DA CONSTRUÇÃO: INÍCIO DO SÉCULO XX
PROPRIETÁRIO: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ.
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº003/03, INSCRIÇÃO Nº152.
LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 21/09/2004.
BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.





SOLAR JESUÍNO MARCONDES DE OLIVEIRA E SÁ

O planalto paranaense, conhecido pela denominação genérica de Campos Gerais de Curitiba, começou a ser povoado por tropeiros, cujos pousos e currais estão na raiz mesma das cidades que hoje nele se localizam. Ao longo do antigo caminho entre Viamão e Sorocaba surgiram numerosos povoados que, com o passar do tempo, se transformariam em centros urbanos, ricos e progressistas, como Palmeira, sede do município de mesmo nome. Rocha Pombo, ao referir-se ao caminho para São Paulo, através dos Campos Gerais, disse que seu traçado cortava alguns “capões, nos quais os viajantes descansavam ou faziam suas pousadas e se deu preferência ao campo aberto, onde a conservação dos caminhos se tomava mais fácil”. No então chamado “Curral das Vacas”, no sítio abandonado de Santa Cruz do Sutil, onde Antônio Bicudo Camacho andou lavrando ouro entre 1694 e 1699, foi se formando insignificante povoado, primitivamente simples paragem e curral para descanso do gado.

A criação da freguesia que era conhecida pela denominação de “Freguesia Nova” só se deu no ano de 1833, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, e sua história se liga intimamente à da freguesia de Tamanduá, situada em suas proximidades. O lugar que se denominava Tamanduá, hoje parte integrante do município de Balsa Nova, e onde atualmente só existem ruínas - à exceção da pequena Capela de Nossa Senhora da Conceição, que compreendia área de meia légua, doada pelo seu fundador, o capitão Antônio Luiz Tigre, a Nossa Senhora do Carmo e, como este houvesse falecido sem deixar herdeiros legítimos, seus sucessores outorgaram o território ao Convento do Carmo em São Paulo, que ali fundou e manteve casa conventual por mais de 60 anos. Com a decadência de Tamanduá, fruto, sobretudo, da dispersão de seus habitantes por grandes distâncias - “quase todos para além do rio dos Papagaios, o qual nas enchentes, lhes vedava os passos” (Moisés Marcondes, Pai e Patrono) -, em 1809 a sede da freguesia foi transferida para Palmeira, denominação pela qual era conhecido o capão que lhe dava o nome. Os avós maternos de Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá - tenente Manoel José de Araújo e sua mulher, Ana Maria da Conceição de Sá -, por ato de 7 de abril de 1819, doaram o terreno onde deveria instalar-se a nova freguesia, cujo patrimônio também foi enriquecido por terrenos doados por escritura pública pelo barão de Tibagi e por D. Josefa Joaquina de França.

Com a transferência da sede da freguesia para Palmeira, em busca de melhores condições de vida, sua população também foi se mudando para o novo povoado, onde já então se construía a nova capela. Posteriormente, na segunda metade do século XIX (1878), o povoamento da região sofreu grande incremento com a chegada de novos colonos, imigrantes russos e alemães, e Palmeira, elevada à condição de vila em 1869, teve acentuado progresso. Pela Lei nº 238, de 9 de fevereiro de 1877, recebeu foros de cidade, conservando a primitiva denominação.





São desconhecidos documentos ou referências escritas com relação ao construtor, bem como ao ano de construção do solar Jesuíno Marcondes. Depoimentos estribados na tradição ou em fontes orais mais antigas divergem quanto ao construtor do histórico solar, apontando muitos, como seu autor, o próprio conselheiro Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá; outros indicam que teria sido construído pelo capitão Domingos Ignácio de Araújo, tio e padrinho do conselheiro Jesuíno Marcondes, e filho do tenente Manoel José de Araújo, o fundador da cidade. Seria ele, também o construtor da Chácara da Palmeira, residência do tenente Manoel José de Araújo, seu pai, e avô do conselheiro Jesuíno Marcondes. Esta opinião está fundamentada principalmente no fato de ter sido o capitão Domingos Ignácio de Araújo afeito ao ramo de construções.

Numa das referências ao solar do conselheiro Jesuíno Marcondes, a do professor Júlio Estrella Moreira, sua construção teria ocorrido poucos anos antes da instalação da província do Paraná, portanto antes de 1853, data de tal acontecimento.

O solar do conselheiro Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá, vulto eminente, com projeção estadual e nacional, nascido na cidade de Palmeira no Paraná, em 1º de junho de 1827, e falecido em Genebra, na Suíça, em 7 de outubro de 1903, filho de José Caetano de Oliveira e Querubina Rosa Marcondes de Sá (barão e viscondessa do Tibagi), está situado no perímetro urbano da cidade de Palmeira, na continuidade da atual Rua Dr. Moisés Marcondes, e nas proximidades do antigo cemitério e da secular capela do Senhor Bom Jesus.

Inúmeros documentos referem-se ao histórico e venerável solar do conselheiro Jesuíno Marcondes, o palmeirense que, entre muitos outros títulos, foi o primeiro paranaense a ocupar uma pasta ministerial, como ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas de D. Pedro II, no Gabinete presidido por Francisco José Furtado, sendo também o último presidente monárquico do Paraná, em cujo alto cargo se encontrava quando da Proclamação da República, em 1889.

Segundo David Carneiro, o solar no ano de 1880, data da passagem do imperador D. Pedro II pela então vila da Palmeira, "já se encontrava concluído, pois que no mesmo se hospedou parte da comitiva imperial".

Algumas de suas principais características, que tinham desaparecido pela ação do tempo, reassumiram seus lugares originais devido a restauração processada pelo Patrimônio Histórico do Estado.

Doado à cidade de Palmeira através de documento firmado por Emilia Alves Marcondes de Araújo, herdeira da propriedade e neta do conselheiro Jesuíno Marcondes (Registro nº 170, Livro B-3, fls. 346/347 do Cartório do Registro de Títulos e Documentos da Comarca de Palmeira), tem como destinação, a instalação, em suas dependências, do Instituto Histórico e Geográfico de Palmeira e sua biblioteca, bem como do Museu Histórico de Palmeira, criado através da Lei Municipal nº 894, de 15 de agosto de 1977, e de outros órgãos que venham a ser criados com finalidades históricas ou culturais.

Por sua implantação e volumetria constitui-se, inequivocamente, em marco

da cidade de Palmeira. Construída em alvenaria mista, pedra e tijolo, cobertura em quatro águas, telhas capa-e-canal, arrematadas por beiral em cimalha, tem suas fachadas enquadradas por cunhais em massa. As envasaduras são emolduradas por requadros também em massa e encimadas por vergas e sobrevergas retas. Janelas com bandeiras fixas, sistema em guilhotina, divididas em quadrículos. A casa possui, ainda, porão alto, anteriormente utilizado para serviços. ✿



LOCALIZAÇÃO: RUA CORONEL PEDRO FERREIRA, Nº 223.

DATA DA CONSTRUÇÃO: 1853.

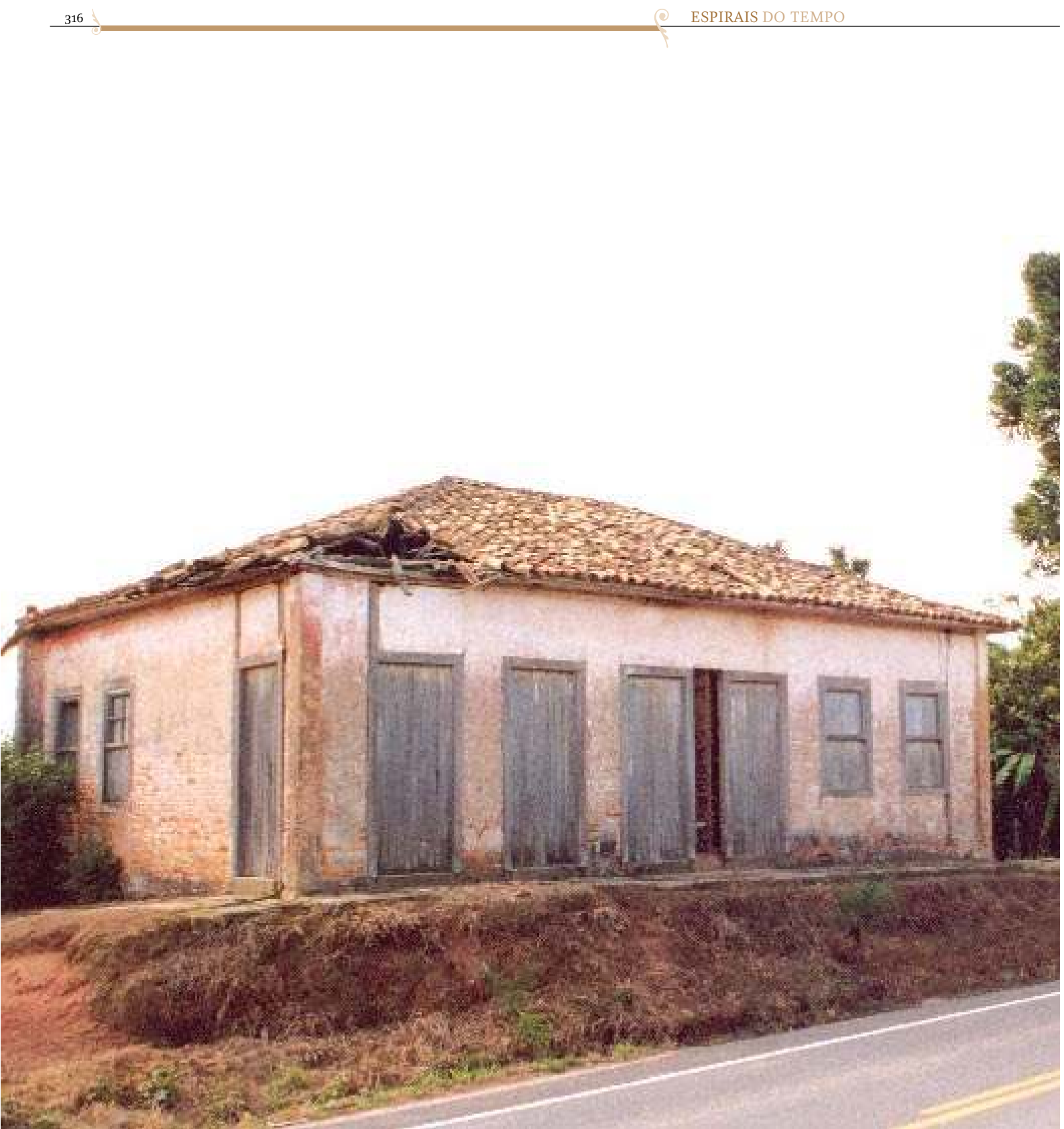
PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMEIRA.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº24/70. INSCRIÇÃO Nº24, LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 30/03/1970.

BIBLIOGRAFIA: CARNEIRO, DAVID. D. PEDRO II NA PROVÍNCIA DO PARANÁ - 1880, CURITIBA, 1943.

ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.

MARTINS, A. ROMÁRIO. HISTÓRIA DO PARANÁ, MELHORAMENTOS SÃO PAULO, 1949.





SOLAR DA MANDAÇAIA

Localizado na zona rural do município de Palmeira, está implantado no antigo caminho que ligava Palmeira a São João do Triunfo. Foi construído em meados do século XIX para moradia de Manoel Demétrio, que veio a se tornar herói da Guerra do Paraguai. Originalmente havia no terreno, à frente da casa, um armazém para atendimento aos viajantes. Dele restaram os balcões e prateleiras, bem como equipamentos para moagem de grãos.

É uma edificação construída no centro de terreno que mantém todas as características da arquitetura rural. Sua estrutura portante é de madeira e as vedações em taipa-de-mão (pau-a-pique). Possui cobertura em quatro águas com telhas do tipo capa e canal. Os vãos das janelas e portas são requadrados em madeira com verga reta e guarnecidos por postigos cegos. As janelas possuem externamente folhas envidraçadas do tipo guilhotina. ✿



LOCALIZAÇÃO: CAMINHO ENTRE PALMEIRA E SÃO JOÃO DO TRIUNFO.

DATA DA CONSTRUÇÃO: MEADOS DO SÉCULO XIX.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº003/02, INSCRIÇÃO Nº150, LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 21/09/2004.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.

